

O ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Autora: Vera Lúcia Lopes, Bacharelado e Licenciatura em Filosofia e Mestranda em Filosofia, ambos pela PUCSP

Professor responsável: Antonio José Romera Valverde - PUCSP

Modalidade: Comunicação Científica

Resumo: O uso da linguagem filosófica no dia a dia dentro da sala de aula é um desafio e tanto para o docente do século XXI. Este texto discorre acerca de questões sobre o ensino de filosofia no ambiente em que cohabitam docentes, discentes, tecnologia e uma nova forma de comportamento social e cognitivo do aluno do ensino médio.

Todavia, embora todos nós somos envoltos de um mundo altamente tecnológico, é preciso passar para o aluno a importância fundamental de se fazer reflexões a respeito de temas que circundam a sociedade em que vivemos, a política (ética), a educação e, ainda, mostrar a importância que esses temas têm na vida de cada um de nós, como meios que podem proporcionar o pensar crítico e a ajudar nas escolhas próprias. E, o estudo e a prática da Filosofia ajuda, e muito, o pensamento a pensar com clareza e a selecionar os melhores caminhos.

Palavras-chave: ensino de filosofia; pensamento crítico; linguagem; raciocínio.

Problema

O problema abordado neste texto refere-se à dificuldade que se tem na Escola de atrair o interesse, a curiosidade e o gosto dos alunos pela Filosofia. Dada toda a sua abstração, nota-se, primeiramente, a ideia distante que a maioria das pessoas, em geral, tem do que seja Filosofia e para que ela serve. Num segundo momento, o recente retorno da Filosofia ao currículo escolar, somado ao contexto de como é a carreira do Docente brasileiro, isto é, suas dificuldades e os recursos disponíveis, condiciona, de certa maneira, esse caminhar lento que a disciplina filosófica manifesta no dia a dia escolar e da sociedade como um todo.

Como se já não bastasse, temos ainda a questão tão tradicionalmente discutida no meio acadêmico, porém, não esgotada, do ensino de filosofia como um problema filosófico. Dito de outra forma, ensinar Filosofia ou ensinar a filosofar?

Aprender a ensinar ou ensinar a aprender?

Estas duas perguntas andam tão juntas que até se confundem. Cora Coralina, poetisa brasileira nascida no estado de Goiás (1889 – 1985) escreveu uma vez: *“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”*

É muito comum no Brasil ouvir alguém declarar que nada entende de Filosofia e que jamais leu algum texto que fosse relacionado à uma atividade especulativa.

Aristóteles (384 – 322 a.C) inicia sua obra *Metafísica*, Livro I, Capítulo I, com a seguinte frase: *“Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer.”*

Em todas as profissões, por exemplo médicos, sapateiros, professores, existem bons e maus profissionais. O bom profissional será aquele que pensa sobre os fundamentos de sua profissão e busca exercê-la com excelência.

O bom sapateiro, por vezes, não pensa, medita ou contempla sobre a razão de ser da sua arte (*teckné*), ele apenas faz um bom sapato, aquele que melhor ele pode fazer. Esse sapateiro está fazendo filosofia, está exercendo uma atividade especulativa, mesmo que a linguagem usada não seja a adequada, isto é, a da forma crítica.

O uso da linguagem especulativa torna-se necessária para que a expressão do pensamento crítico seja realizada fora do campo da mera opinião (*dóxa*). Opiniões não são, necessariamente, verdades, pois nem sempre resistem ao diálogo crítico. É por isso que parece inegável a estreita ligação entre o problema da linguagem adequada e o problema do método filosófico.

De forma elementar e direta, podemos dizer que a Filosofia atua com uma interpretação crítica acerca do que o homem faz no mundo e da linguagem que utiliza para tal, linguagem no seu sentido mais amplo possível, isto é, seja escrita, arte ou ciência.

Repetindo Aristóteles: *“Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer.”* Desejamos acrescentar como conhecer é um ato árduo que envolve conceitos, assimilação de ideias, compreender o mundo sensível, ir além dele em pensamento, mas necessita ainda, de tempo e de vontade.

E como despertar essa vontade no aluno do ensino médio? Este texto não tem a pretensão de esgotar ou contribuir originariamente sobre o assunto, mas serve de provocação, mais uma vez, para que possamos pensar, refletir sobre este assunto.

Objetivos

De frente à exposição dos problemas, este elementar texto não esgota, nem de longe, com a incessante busca de encontrar soluções aos impasses expostos.

O objetivo principal aqui colocado como desafio para nós é o de desenhar possíveis caminhos, pedagógicos e filosóficos que possam nos mostrar como alternativas para, pelo menos, precisar o que seja Filosofia e para o que ela serve de modo que haja apreensão desses saberes pelos alunos.

Como trabalhar o ensino da Filosofia na sala de aula de forma criativa, atraente e com conteúdo é o objetivo a ser trabalhado por nós da área de Educação como um todo, mas, em especial, a de Filosofia. Nós deveríamos encontrar um meio em que ela tenha, digamos, um valor equiparativo em relação as outras disciplinas no que se refere a avaliação do aluno.

Como alcançar a prática alicerçada na teoria sem prejudicar a dinâmica de uma aula interessante e prazerosa para o aluno? Eis o desafio: o que fazer para ensinar Filosofia no Ensino Médio?

Educadores e estudiosos em Educação, de uma forma ou de outra, dizem que é necessário atualizar os métodos de ensino, principalmente o do ensino público, investir no desenvolvimento da carreira do docente, isto é, no seu aprimoramento e motivação, e, tudo isso, alinhado com o perfil do aluno do século XXI e sua forma de vida lastreada pela tecnologia e rapidez da comunicação.

Então, como ensinar Filosofia com o tempo necessário que a sua apreensão necessita e com toda a sua abstração?

Independente dos caminhos pedagógicos e filosóficos, não podemos deixar de citar e ressaltar a importância dos papéis que cada um exerce nesse processo educacional, ou seja, o da Escola, dos Pais, dos Docentes e dos Alunos, e ainda, e principalmente, o do Estado, como *Politéia* responsável pela *Paidéia*. Não é foco aqui entrar nas dificuldades e recursos de cada uma dessas áreas da vida, digamos assim, mas é importante não esquecê-las e, principalmente, ter a lucidez de que sem um esforço desse todo, cada parte sai, para mais ou menos, com um certo agravo.

Metodologia

Segundo os autores Silvio Gallo e Renata Aspis, no livro *Ensinar Filosofia, um livro para professores*, 2009, pág.12, o que caracteriza a Filosofia é o seu caráter formativo. Ela é uma disciplina do pensamento que nos leva a criar conceitos e, desta forma, realizar sínteses, relações e interpretações como meio de entender e dar sentido à cultura de cada época.

Segundo o PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (pág. 42-44) na sua introdução, diz que a Filosofia é compreendida em linhas gerais como uma reflexão a respeito do conhecimento e da ação, a partir da análise dos pressupostos do pensar e do agir e, portanto, como fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas.

A grosso modo, para citar apenas algumas passagens da nossa História sobre a Filosofia temos que: os Medievais a subordinavam à Teologia e as suas verdades inquestionáveis da fé; nos Modernos, com relação ao estudo e ao questionamento sobre o conhecimento, temos Kant que colocou a razão num tribunal para que seus limites e possibilidades fossem avaliados criando um impasse para a metafísica (Deus, imortalidade da alma e liberdade); no Século XIX, com o avanço das Ciências, a extrema valorização do conhecimento científico desbancou um pouco a Filosofia e, como reação a esse positivismo, Edmund Husserl (1859-1938) enfatizou o papel da Filosofia como conhecimento rigoroso da possibilidade do conhecimento científico e do estudo dos fundamentos, dos métodos e dos resultados das ciências; já no início do Século XX, a filosofia analítica reduziu, de certa forma, a Filosofia à análise da linguagem a partir dos problemas lógicos colocados pela Ciência.

Como disse L. Wittgenstein (1889-1951) em seu *Tractatus*,

“o fim da Filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos.....o resultado da Filosofia não são proposições filosóficas, mas é tornar as proposições claras.” (Tractatus, 4.112)

De toda forma, ao percorrermos, a História da Filosofia, nas mais diversas definições e posições a respeito do que é Filosofia, podemos dizer que o papel do Educador de Filosofia é estar à frente dessas questões, saber lidar com novos questionamentos, novos problemas e enfrentar as perplexidades que nos assolam a todo momento à medida que mudam as formas de relações humanas, as formas de conhecimento e as novas linguagens.

O diálogo possível e desejado entre a Filosofia e o aluno de Filosofia deve ser construído a partir de fundamentos teóricos sobre a identidade da Filosofia e do filosofar, da função e da finalidade da disciplina e, ainda, o que ensinar e como fazê-lo.

Reforçar ao Docente de Filosofia que o seu papel não é mostrar aos alunos como estes podem se adaptar ao mundo, pelo contrário, é apresentar aos discentes os diversos recursos teóricos e de experimentação que podem ser utilizados para pensar, refletir e agir no mundo. O professor deve provocar nos alunos o convite a pensar. Eis o ponto de partida.

Esboço de fundamentação teórica

A Filosofia é uma das possibilidades de transformação do mundo, pois mostra ao homem a enorme capacidade, racional, científica, técnica e artística de modificar o ambiente vivido. E, a sala de aula, deve ser um espaço cujo pensamento é livre, sem com isso, deixar de ser respeitoso com o diálogo estabelecido.

O mundo é um eterno ir para frente. A cada dia uma nova *teckné* se aproxima do homem e muda, de alguma forma e com suas consequências, a forma de viver.

Alejandro Cerlatti nos diz, no seu livro *O ensino de filosofia como problema filosófico* que:

“ensinar Filosofia é ensinar a filosofar e a característica do filosofar é identificada pelo traço fundamental: a intenção e a atitude insistente do perguntar, do problematizar, e de acordo com isso, de buscar respostas.”
(CERLATTI, 2009, pág. 29).

Falamos de Filosofias e não mais de um saber que se transmite. Esta frase é do autor Celso Fernando Favaretto, no livro *Notas sobre ensino de Filosofia*, que nos diz:

“ao mesmo tempo que indicia uma certa perda de vigor no ensino escolar, traz também o desafio de fazer com que a Filosofia seja por si só um

requisito indispensável para a articulação de teorias e estratégias culturais, políticas, científicas, pedagógicas e artísticas”. (FAVARETTO, 1995, pág. 77).

Vale a pena recordarmos o que Gilles-Gaston Granger, no seu livro *Por um conhecimento filosófico*, nos diz que Filosofia não é Ciência, porque a ciência moderna trabalha em torno de um objeto que se vincula a um fato; não é uma Belas-artes, pois esta visa criar objetos concretos cuja existência é inseparável de um suporte sensível; a Filosofia não tem seu objeto definido, pois a Filosofia trata de todos os assuntos procurando não fazer deles, sínteses.

Filosofia lida, então, com significações da representação do fato que a Ciência necessita provar. E como a Filosofia não tem objeto, o conhecimento filosófico acontece por meio dos conceitos, metaconceitos na linguagem de Granger.

A Filosofia questiona sobre a significação de si mesma, pois da autorreflexão ela não escapa e dela é inseparável. A Filosofia ao lidar com as significações, ao observar os fatos, os fenômenos, proporciona o fazer filosófico. A sua base, isto é, o seu campo de atuação é a experiência.

E, é nesse ponto que começa o nosso problema de ensino filosófico de hoje em dia, pois, parece, que muitas vezes em sala de aula, nos esquecemos de olhar a experiência do mundo, nos voltando para o mundo das teorias. Por outro lado, descrevendo a Filosofia como um estudo que não tem objeto próprio e que está sempre se questionando, pode parecer para os mais apressados que se a Filosofia não entende de si mesma, quiçá aquele a quem queremos ensinar.

Por isso que dizemos que a Filosofia sendo abstrata como é, nós mesmos dificultamos o seu aprendizado quando nos distanciando do mundo sensível, da experiência.

É preciso, ao nosso ver, que a Filosofia, ao se utilizar da linguagem racional e articulada para codificar as noções que distingue, ressaltar que ela não precisa prová-los, pois isto é função da Ciência.

Cerletti ainda joga no ar uma questão importante: Que tipo de conhecimentos pedagógicos são necessários para ensinar Filosofia nos diferentes contextos sociais, de professores a alunos? Ele escreve:

“....o ensino de filosofia implica uma atualização cotidiana de múltiplos elementos, que envolvem de maneira singular seus protagonistas (professores e alunos) a filosofia posta em jogo e o contexto em que esse ensino tem lugar.”(CERLETTI, 2009, Pág. 8)

Desta forma, a sua tese, foco do livro *O ensino de filosofia como problema filosófico*, é a de que:

“o ensino de filosofia é, basicamente, uma construção subjetiva, apoiada em uma série de elementos objetivos e conjunturais. Um bom professor ou uma boa professora de filosofia é aquele que possa levar adiante, de forma ativa e criativa, essa construção. (idem, pág. 10)

Pensamos que é muito importante ensinar e habituar os alunos a uma linguagem específica, como é a filosófica, que articula a produção de conceitos, argumentações, sistematicidade e significações.

Todavia, não estamos dizendo que isto é uma tarefa fácil.

Pode-se começar com a forma de sensibilizar o aluno sobre o tema a ser tratado, isto é, trazer para o cenário dele, o problema a ser conhecido e entendido, por meio da transliterabilidade de outras disciplinas, técnicas ou artes, como a Física, a Música, a Matemática, o Cinema ou a Poesia.

Consciente do problema a ser discutido, o passo seguinte será o de investigar como outrora esse problema foi tratado e, para tanto, recorrer à História da Filosofia que nos ajuda a entender como o problema foi pensando na época de cada filósofo. Esta abordagem faz com que essa ferramenta, a História da Filosofia, ganhe significado e sentido, e não mais, apenas, como um conteúdo a ser memorizado pelos alunos.

E por fim, vem a reflexão de todo esse processo, de modo que o docente e os alunos possam pensar e chegar às suas próprias conclusões acerca do tema tratado.

Pode-se dizer que deste modo a Filosofia torna-se um saber que se move, que não é definitivo no seu todo, mas que dá ao homem que estuda e pensa uma motivação para continuar a questionar sobre os fatos da vida humana, da natureza e, por que não, do ilimitado.

É adequado, moderno, democrático, civilizado enfim, educar para oferecer condições aos alunos de conquistarem o pensamento autônomo. E isto não significa agir de qualquer modo, pelo contrário, é o exercício do pensamento que conhece suas razões, que escolhe seus critérios, que é responsável, convicto de seus procedimentos e consequências e aberto a se corrigir, mudar, repensar, escolher de novo. Pensamento criativo capaz de mover-se dentro de parâmetros éticos de acordo com o *ethos* vigente e da qual faz parte, e que, por conseguinte, poder mudá-lo ou não.

Assim, este pensamento crítico não se permite à uma obediência cega e irrestrita a um caminho inquestionável do viver e consumir de forma automático, baseado na imitação do outro, infundado e sem fim. Ele não permite que o homem se coisifique.

Resultados obtidos

O natural movimento que a própria Filosofia faz de si mesma é o que permite a ela não se esgotar, independente do objeto. Embora esta questão seja maravilhosa por si só, ela talvez seja o grande estímulo que o professor ou professora de filosofia deve ter em suas mãos para transmitir esse saber ao aluno de modo que ele, aluno, incorpore esse novo hábito em sua vida, o hábito de filosofar.

O professor de filosofia, dentro do que entendemos, vai ensinar a pensar filosoficamente, isto é, a partir de um tema escolhido, ele vai ensinar a organizar perguntas num problema filosófico, a ler e escrever filosoficamente, com sua linguagem própria, clara e objetiva. E, marginal a isso, o aluno promove uma melhora na sua capacidade de leitura, se afastando em muito, do já famoso analfabetismo funcional.

E vai ensinar tudo isso na prática, dentro da sala de aula e motivar os alunos a levar para casa, em suas mentes, a continuidade desse pensar. O professor é um orientador que põe a disposição de seus alunos os instrumentos que conhece, como por exemplo, já dissemos, a História da Filosofia, a Física, a Arte em geral, a História Política e assim por diante.

Outro ponto importante e árido é a questão da avaliação. Muitas vezes ao avaliar o aluno, sentimos que podemos estar indo contra a própria natureza da Filosofia ao estabelecer um modelo de verificação de aprendizagem. Por exemplo, perguntas cujas respostas são certas ou erradas. Porém, para alguns pontos do conteúdo filosófico, esta seja uma forma rápida de, digamos, checar o conhecimento adquirido, mas isto não exclui, pelo contrário, o papel mais importante e fundamental, que é o de se elaborar questões abertas que exijam uma construção de pensamento e colocados de forma inteligível no papel. Por exemplo, por que não colocar aos alunos em grupos e eles próprios elaborarem questões e trocar as perguntas entre os grupos? Por exemplo, temas relacionados com a mobilidade urbana, espaço público e particular, cidadania e ética, além dos tradicionais. Por que não sugerir que o aluno vá, dia a dia, construindo o seu próprio vocabulário e depois confrontar com os termos clássicos?

Nós pensamos que, desta forma, a Filosofia não cai na rede de um *saber enquadrado, estático, limitado*. O professor realiza a sua função de desenvolver os alunos no pensamento crítico, seja com relação aos fatos históricos como os fatos da contemporaneidade, com um mínimo de especificação filosófica necessária para que uma aula de filosofia atinja a sua excelência e não cai num

achismo ou psicologismo. Ou seja, uma aula conduzida por um professor que saiba articular problemas tipicamente filosóficos com questões emergentes (sua aplicabilidade no mundo atual), seja nos âmbitos individual, coletivo, social, cultural e histórico.

Então, qual o ponto de partida? Ensinar Metafísica, Ética, Fenomenologia, Platão, Descartes, Marx ou Popper, é transmitir seus conteúdos, seus pensamentos, suas correntes filosóficas. No entanto, não se limita a isso. O ensino da filosofia engloba temas e como as filosofias tratam esses temas, como por exemplo:

- ⇒ como estabelecer relações e distinções entre Filosofia e Ciência;
- ⇒ o sentido e o alcance da Revolução Científica moderna;
- ⇒ assimilar as concepções empiristas e racionalistas acerca do conhecimento e do método.
- ⇒ discernir sobre as diversas questões acerca da objetividade, da subjetividade, dos conceitos de ideologia, da dimensão ética e moral da existência humana;
- ⇒ entender a dimensionalidade de conceitos como liberdade, imortalidade da alma e Deus;
- ⇒ conhecer os diversos conceitos e teorias acerca da felicidade e do dever, da vontade autônoma, da justiça, da cidadania.
- ⇒ abstrair os conceitos de arte e beleza, juízo estético, juízo do gosto e distinguí-los dos juízos de realidade e de valor.
- ⇒ conceituar e compreender o conceito de *mímesis* em suas diversas acepções, o conceito de técnica e suas influências, e relacioná-las ao conceito de arte.
- ⇒ compreender e distinguir os conceitos de indústria cultural e de arte popular.

Conclusão

O adolescente vive a construção de sua autonomia intelectual. Ou, pelo menos, é ela, autonomia intelectual, que o docente e a família do aluno devem incentivar, direcionar sua atenção. Ele precisa, e muito, dessa orientação e conteúdo

filosófico para que o seu pensar seja construído de forma plena e não apenas seguindo, por imitação, o agir do outro ou impulsionado por algum movimento industrial ou cultural. A Filosofia ajuda o homem a agir de forma autônoma.

É importante que o educador tenha consciência dessa dimensão pedagógica que a Filosofia possui, em seu caráter constitutivo, pois assim como ele, enquanto educador e cidadão é um sujeito autônomo e cidadão consciente, ele deve ajudar o aluno a desenvolver as competências e as habilidades necessárias para que ele, aluno, seja, também, um sujeito autônomo e cidadão consciente de seus direitos e deveres dentro da sociedade, do *ethos* em que vive.

Para tanto, há que se ter no Docente o discernimento de que a disciplina Filosofia é tão importante como as demais e, para tanto, a forma de aprovar o aluno no ensino médio deverá ser ou procurar ser o mais próximo possível dos critérios das outras disciplinas, resguardadas as devidas diferenças. O aprendizado da Filosofia é um conhecimento abstrato, mas abstrata não precisa ser a sua forma de avaliação.

Dito de outra forma, as matérias em geral, como português, matemática ou história são frequentemente abordadas em aulas de reforço escolar, tão comum no nosso dia a dia, pois necessitam que os alunos alcancem notas finais dos quais permitam ingressar no ano seguinte de estudo. Já a Filosofia, nos parece, isto não acontece. É preciso que seja dado o mesmo valor intrínseco à matéria Filosofia que as demais disciplinas compartilham.

O Docente de Filosofia não deve se afastar do caminho de ensinar filosofia filosofando para não cair no contexto da mera opinião ou de alguma ideologia. Contudo, ele necessita refletir sobre os diversos fenômenos, suas causas e consequências, como por exemplo, a violência ocasionado pela ausência de valores éticos; ou perceber e abstrair as influências e os efeitos puramente

decorrentes de uma indústria cultural e de massa que atinge o comportamento e as ações do homem moderno.

Porém, como não se aprende a Língua Portuguesa começando-se, por exemplo, pelos tipos de orações ou pela análise sintática ou regência verbal, a Filosofia também requer uma metodologia e uma forma gradativa de transmitir seu conteúdo e sua linguagem específica, para que o conhecimento não se perca em seu próprio caminho e torne-se enfadonho. E mais, devemos lembrar sempre que a Filosofia está em companhia da Natureza, da Experiência, da Física, dos Fenômenos.

Outro ponto de destaque é a necessidade de ler, na medida do possível, os textos originais dos filósofos, lembrando também, de ler os comentadores e realizar estudos dirigidos, pois estes auxiliam o aprendizado e o exercício da reflexão filosófica, ou seja, a sua aplicabilidade na vida de cada um.

Vale lembrar da importância de se estabelecer uma relação dinâmica entre docente e alunos onde o conhecimento filosófico trabalhado possa dar frutos, isto é, fomentar os possíveis desdobramentos nos raciocínios apresentados e realizar as potenciais correlações com o contexto atual.

Essa atividade estimulante é a mesma que Sócrates praticava, essa vontade filosófica de perguntar e perguntar justamente para se chegar num filosofar, pois ensinar e aprender Filosofia estão sempre juntos. E, este movimento se dão mutuamente na mesma forma em que, professor e aluno, coabitam o mesmo tempo e espaço.

Porém, criar essa dinâmica dá trabalho, requer conhecimento e prática. Por isso, a necessidade de passar pela etapa de conhecer a História da Filosofia, os textos originais dos filósofos, da História da Humanidade, da Política e da Geografia do

mundo, enfim, saber realizar uma leitura filosófica e saber interpretar sua linguagem.

Em toda a vida nós nos deparamos com a necessidade de buscar caminhos que nos levem a decisões, por mais simples que sejam. Para tanto, as escolhas podem ser feitas de qualquer forma, mas lembrando Aristóteles, na sua *Ética a Nicômaco*, a busca do homem ser feliz numa vida virtuosa perpassa pelos caminhos de buscar entender o problema, conceituá-lo, argumentar sobre suas possibilidades, e encontrar a melhor solução ética para que o homem atinja o bem maior, a felicidade (*eudaimonia*).

E a Filosofia pode nos ajudar a viver melhor esse “processo”, como Sujeito crítico a tudo que o rodeia, a enxergar as contingências da vida da melhor forma possível.

O diálogo entre a Filosofia, a Educação e o Ensino, de forma geral, e em especial o ensino filosófico, estão entrelaçados. Como disse Paulo Freire,

“ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou sua construção. (FREIRE, 2011, p.47)

E, retomando Cora Coralina, *“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”*

Referências bibliográficas

CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. São paulo: Autêntica, 2009

CRITELLI, Dulce. Artigo *O Ofício de Pensar*. Revista Diálogos.

GRANGER, Gilles-Gaston. *Por um conhecimento filosófico*. São Paulo: Papirus, 1988

FAVARETTO, Celso Fernando. *Notas sobre ensino de Filosofia*. In: MUCHAIL, Salma T. (org). *A Filosofia e seu ensino*. Petrópolis: Vozes, coedição EDUC, 1995. p. 77-85.

GALLO, Sílvio e **ASPIS**, Renata Lima. *Ensinar Filosofia, um livro para professores*. São Paulo: Atta editora, 2009

GALLO, Sílvio e **GOTO** Roberto. *Da Filosofia como disciplina, desafios e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2009

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Secretária da Educação Média e Tecnológica (Semtec/MEC) 1999.